

<https://doi.org/10.31533/pubvet.v16n08a1183.1-7>

Retratos de comunidades de carroceiros do sul do Brasil

Elisa de Menezes Teixeira¹, Giovana Dantas de Araujo², Jéssica Grace da Silveira², Carolina Jung Kremer², Rogério Oliveira Rodrigues², Angélica Cavalheiro Bertagnolli^{2*}

¹Secretaria Municipal de Saúde de Guaíba. Guaíba, RS, Brasil.

²Centro de Pesquisa em Saúde Animal Instituto de Pesquisas Veterinárias Desidério Finamor – Eldorado do Sul, RS, Brasil.

*Autor para correspondência, E-mail: angelbertagnolli@gmail.com

Resumo. A evolução tecnológica colocou veículos automotores para o transporte de cargas à disposição dos seres humanos, contudo os veículos de tração animal ainda circulam em zonas urbanas. A utilização de carroças tracionadas por equinos no transporte de cargas urbanas tem garantido a sobrevivência de inúmeras famílias, e pouco se conhece a respeito da realidade dessa população. Nesse sentido, o objetivo desse estudo foi retratar o perfil e características ocupacionais de carroceiros de comunidades de um município da região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. As informações foram obtidas por entrevistas realizadas durante visitas às residências dos carroceiros. No total, foram entrevistados 38 condutores, dos quais 84,86% eram do sexo masculino com idade média de 38 anos e cerca de 60% não completou o ensino fundamental. O transporte de cargas foi a principal fonte de renda para 57,8% dos entrevistados, em 63,15% a renda obtida foi inferior a um salário mínimo mensal e 28,4% relatou trabalhar de 5 a 7 dias semanais. Verificou-se que a realidade dos condutores de carroça de Guaíba é semelhante à verificada em outras comunidades de carroceiros de centros urbanos brasileiros e é marcada por baixa remuneração, excesso de jornadas de trabalho e pouca informação sobre a sanidade dos equinos e zoonoses.

Palavras chave: Ocupação, tração, urbanos, veículos

Portraits of wagon drivers' communities in southern Brazil

Abstract. Technological developments have made motor vehicles for cargo transportation available to human beings, but animal-powered vehicles are still found circulating in urban areas. The use of horse-drawn wagons for cargo transport guarantees the survival of populations in urban areas and little is known about the reality of this population. In this sense, the aim of this study was to portray the profile of the wagon drivers in a municipality from metropolitan region of Rio Grande do Sul, Brazil. Informations were obtained by interviews conduct during home visits. Thirty-eight drivers were interviewed, of which 84.86% were male with an average age of 38 years and about 60% did not complete elementary school. Cargo transportation was the main source of income for 57.8% of respondents, in 63.15% the income was below a minimum monthly wage and 28.4% was related to working from 5 to 7 days per week. It has been found that the reality of car drivers is verified in other communities of Brazilian urban centers and is marked by low incomes, excessive working hours and little information on the health of horses.

Keywords: Occupation, traction, urban, vehicles

Retratos de comunidades de carreteros del sur de Brasil

Resumen. La evolución tecnológica ha puesto vehículos automotores para el transporte de cargas a disposición de los seres humanos, sin embargo, los vehículos de tracción animal

aún circulan en zonas urbanas. La utilización de carretas tiradas por equinos en el transporte de cargas urbanas viene garantizando la supervivencia de innumerables familias, y poco se conoce en relación a la realidad de esa población. En este sentido, el objetivo de este estudio es retratar el perfil y características laborales de carreteros de comunidades de un municipio de la región metropolitana de Porto Alegre, Río Grande del Sur. Las informaciones se obtuvieron en entrevistas hechas durante visitas a las viviendas de los carreteros. En total, fueron entrevistados 38 conductores, de los cuales 84,86% eran de sexo masculino con edad promedio de 38 años y en torno del 60% con la enseñanza primaria incompleta. El transporte de cargas fue la principal fuente de ingresos para el 57,8% de los entrevistados, en el 63,15% el ingreso obtenido fue inferior a un sueldo básico mensual y 28,4% dijo trabajar de 5 a 7 días semanales. Se constató que la realidad de los conductores de carreta de Guaíba es semejante a la verificada en otras comunidades de carreteros de centros urbanos brasileiros y está marcada por baja remuneración, exceso de jornadas laborales y poca información sobre la sanidad de los equinos y zoonosis.

Palabras-clave: Ocupación, tracción, urbanos, vehículos

Introdução

Guaíba é um município da microrregião de Porto Alegre, Brasil, com população estimada de 98.143 habitantes e área territorial de 376,166 km² (IBGE, 2018). Embora a circulação de cavalos seja uma prática proibida na zona urbana, chama à atenção o elevado número desses animais circulando pelas ruas e avenidas e coabitando com a população humana.

Uma das justificativas para a circulação de cavalos é o fato de que muitas pessoas, que hoje residem na zona urbana são oriundas da zona rural e mantêm a prática da criação de animais, como cavalos, galinhas e suínos. A presença do cavalo também é constante nas manifestações da cultura e tradições gaúchas (Brum, 2009) como desfiles cívicos a cavalo durante a semana dedicada para comemoração da Revolução Farroupilha, rodeios, remates de cavalos e exploração do turismo cultural gaúcho. Outra motivação para a presença de cavalos na área urbana é a utilização desses animais na atividade de transporte de cargas, que representa fonte de renda para os trabalhadores desse ramo (Koss, 2016).

Apesar de estar classificado com um município de Alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2020), a cidade é marcada pela desigualdade social, verificada pela presença de bolsões de pobreza e concentração de pessoas que exercem atividades com carroças movidas à tração animal. Medidas voltadas para o bem estar dos cavalos e para a redução do uso de veículos de tração animal têm sido propostas em diversos locais do Brasil (Porto Alegre, 2008; Rio de Janeiro, 2016; Espírito Santo, 2017) (Segat et al., 2016; Souza, 2006). No entanto, a escassez de informações a respeito da realidade dos carroceiros muitas vezes dificulta a implementação de medidas e divide opiniões.

O objetivo do presente trabalho foi descrever o perfil dos condutores de carroça, no que diz respeito às características gerais, socioeconômicas, ocupacionais e do manejo dos cavalos utilizados por eles e com isso contribuir para uma melhor compreensão da realidade dessa atividade.

Material e métodos

Trata-se de um estudo descritivo seccional e ecológico, cujos dados foram obtidos por meio de entrevistas padronizadas com tutores de cavalos de tração. O projeto foi realizado em parceria com a Secretaria de Saúde e do Meio Ambiente do Município de Guaíba.

Foram realizadas visitas aos domicílios que possuíam cavalos de tração nos bairros selecionados e os tutores foram entrevistados com a utilização de formulários destinados à obtenção de informações de interesse da pesquisa.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Centro Universitário Ritter dos Reis - Uniritter/RS sob o número CAAE 91930918.3.0000.5309 e parecer consubstanciado número 2.995.019. A participação individual foi mediada por um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a participação dos catadores cooperativados ocorreu mediante a

Declaração de Ciência e Concordância das Instituições envolvidas. A anuência de participação foi firmada por meio da assinatura do Termo de Consentimento e Esclarecimento.

Determinação da população de estudo

Os bairros Columbia City, Ermo, Moradas da Colina, Invasão da Cohab, Vila do Ipê, Vila Nova Guaíba, Vila São Francisco, Vila São Jorge, Vila Vera Cruz e Pedras Brancas localizados na zona sul do município de Guaíba, Rio Grande do Sul, foram avaliados.

Os bairros foram percorridos previamente e foi realizado um levantamento das residências de carroceiros. Posteriormente, as residências foram visitadas e os responsáveis pelo trabalho com a carroça foram informados sobre os objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa e convidados a participar das entrevistas.

Entrevistas

As entrevistas foram realizadas de forma individualizada nas residências dos responsáveis pelos cavalos e sempre pelo mesmo entrevistador, além de serem procedidas de acordo com uma relação fixa e sequencial de perguntas diretas, listadas em um formulário. Primeiramente, foi realizado um pré-teste do formulário com a finalidade de adequação dos métodos de abordagem dos entrevistados, da linguagem empregada e da compreensão das perguntas. Para isso, foram entrevistados 10 carroceiros em cada um dos bairros selecionados e após foi feita a análise crítica dos dados obtidos e ajustes necessários.

O formulário ajustado foi composto por dezessete perguntas com respostas objetivas, sendo três relacionadas às características gerais dos condutores (idade, sexo e composição familiar), duas sobre as condições socioeconômicas (escolaridade e renda quinzenal), quatro sobre a ocupação (fonte de renda, iniciação profissional, jornada de trabalho semanal e tipo de carga transportada) e oito sobre as condições de manejo dos cavalos (tipo de alimento, frequência alimentar, componentes do concentrado, frequência de administração do concentrado, sal mineral, local de alojamento, uso de vacinas e uso de vermífugos nos últimos 12 meses).

Os dados foram inseridos em uma planilha eletrônica do Excel Excell®Office®2010. Posteriormente, foram realizadas análises de frequência absolutas e percentagens.

Resultados e discussão

Conforme levantamento realizado para o estudo constatou-se que havia 49 domicílios de carroceiros e 38 concordaram em participar da pesquisa. As características gerais dos condutores estão apresentadas na [Tabela 1](#). Cerca de 90,0% dos entrevistados eram homens, o que difere ligeiramente de levantamentos realizados na região norte e sudeste do Brasil onde a participação dos homens na atividade variou de 96,0% a 100% dos casos ([Dias et al., 2015](#); [Kadani et al., 2014](#)).

Tabela 1. Características gerais dos condutores de carroça (n = 38).

Variáveis	Número	%
Sexo		
Masculino	33	86,8
Feminino	5	13,2
Idade		
19 a 28 anos	3	7,9
29 a 38 anos	7	18,4
39 a 48 anos	8	21,0
49 a 57 anos	8	21,0
57 a 65 anos	6	15,8
> 65 anos	6	15,8
Composição familiar (indivíduos)		
1	2	5,3
2	4	10,5
3	1	2,6
4	10	26,3
5	10	26,3
6	2	5,3
Acima de 6 pessoas	6	15,8
Não informada	3	7,9

Entre os entrevistados, 92,1% tinham mais do que 29 anos indicando que há pouca inserção de jovens na atividade. Esse perfil assemelha-se ao observado por Barbosa et al. (2020), mas contrasta com o observado em levantamento na região sudeste, no qual se observou que 80% dos carroceiros tinham entre 17 e 25 anos (Oliveira et al., 2007).

A iniciação profissional na carroça na fase adulta foi a realidade de metade dos entrevistados, no entanto 37% relataram ter iniciado a atividade na carroça antes dos 12 anos de idade. Embora a Constituição Federal em seu artigo 7º, XXXIII, estabeleça a "proibição e de qualquer trabalho para menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos", a participação de crianças em atividades de carroça tem sido reportada em outros centros urbanos brasileiros (Kadani et al., 2014; Oliveira et al., 2007; Sousa Júnior, 2019). Entre os fatores que determinam o trabalho precoce, estão a necessidade de contribuir para a subsistência da família (Alvim et al., 2020), a infraestrutura escolar precária (Kassouf, 2015; Schlindwein & Kassouf, 2006) e a cultura mitológica que atribui ao trabalho infantil um papel de educador, dignificador ou protetor (Custódio & Veronese, 2009).

A maioria dos carroceiros declarou ter baixa escolaridade ou ser analfabeto (Tabela 2). Apenas 5,26% declararam ter concluído o ensino médio, o que contribui significativamente para a falta de qualificação para outras funções e para a manutenção do trabalho informal. Realidade semelhante foi encontrada entre os carroceiros de outras regiões brasileiras, dos quais menos da metade concluiu o ensino fundamental (Barbosa et al., 2020; Dias et al., 2015; Escodro et al., 2012). A baixa escolaridade dos pais, aliada ao trabalho infantil também determina poucas perspectivas profissionais para os descendentes desses trabalhadores. Conforme, dados do IBGE (2017), para cada cem filhos de pais com nível superior completo, setenta (69,6%) concluíram o ensino superior. Esse número cai para 26,2% quando os pais têm ensino fundamental completo ou médio incompleto. Diante desse contexto, é de extrema importância que sejam disponibilizadas escolas gratuitas de qualidade e que haja uma maior fiscalização do trabalho infantil nessas comunidades, a fim de que as crianças tenham oportunidade de adquirir uma formação mais qualificada e transformadora.

Para cerca de 60,0% dos entrevistados a atividade na carroça representava a única fonte de renda para a família (Tabela 2). Os demais desempenhavam também outras atividades como venda de pasto, lenha, bebidas ou de eletrodomésticos usados, além do trabalho de diarista ou capataz em fazenda para complementação de renda. Metade dos entrevistados declarou trabalhar de cinco a sete dias por semana, para a obtenção de ganhos inferiores a um salário mínimo e sustentar a família com no mínimo cinco pessoas. Situação semelhante foi encontrada entre carroceiros de um município da região sudeste onde se verificou que 65,4% dos condutores trabalhavam no mínimo cinco dias e também obtinham menos que um salário mínimo (Kadani et al., 2014).

O predomínio de condutores que trabalhavam com material reciclável (76,3%) e os baixos valores pagos pela carga são os prováveis fatores determinantes para a baixa remuneração encontrada na população avaliada no presente estudo. Além da informalidade, as atividades informais não oferecem nenhuma garantia ao trabalhador. Condutores de carroça do sul do país que coletam, beneficiam e vendem materiais recicláveis recebem, em média, 32 centavos por kg de papelão limpo; 55 centavos pelo kg de papel branco limpo; 2,70 reais pelo kg de latas de alumínio e 1,4 reais pelo kg de garrafas plásticas prensadas (CEMPRE, 2017). Em 1º de janeiro de 2019, o salário-mínimo nacional passou de R\$ 954,00 para R\$ 998,00, estando ainda aquém do valor de R\$ 1.006,00 aprovado pelo Congresso (Folha de São Paulo, 2019). Percebe-se que o valor que a maioria dos carroceiros de Guaíba recebe está muito abaixo daquele que o próprio Congresso Nacional considera o valor mínimo pelo qual um trabalhador deveria vender sua força de trabalho. Portanto, são necessárias políticas que favoreçam o ingresso e a permanência desses trabalhadores no mercado formal, como um primeiro passo para melhorar as condições de vida dessas famílias.

As condições de manejo nutricional, alojamento e sanitárias dos equinos estão apresentadas na Tabela 3. Com relação ao manejo alimentar dos equinos, verificou-se que os carroceiros reconheciam a importância de uma boa alimentação, pois 92,1% declararam administrar mais de um tipo de componente alimentar. No entanto, alguns procedimentos importantes para uma boa nutrição e manutenção da saúde, como a oferta de alimento várias vezes ao dia, e a realização de suplementação com sal mineral, era realizada por uma pequena parcela. A ingestão de pequenas quantidades de

alimento em intervalos curtos é importante para que se obtenha um bom aproveitamento dos nutrientes (Cintra, 2011). Já o fornecimento de sal mineral diariamente é essencial para a reposição de componentes perdidos pelo animal pelo suor (Harris, 1999).

Tabela 2. Características socioeconômicas e da ocupação dos condutores de carroça.

Variáveis	Número	%
Escolaridade		
Ensino fundamental incompleto	25	65,8
Ensino fundamental completo	2	5,3
Ensino médio incompleto	2	5,3
Analfabetos	9	23,6
Renda por quinzena (\$)		
50-100	1	2,6
101 a 150	3	7,9
151 a 250	14	36,8
251 a 350	6	15,8
Acima de 350	5	13,2
Não souberam informar	8	21,0
Outro valor	1	2,6
Fonte de renda		
Somente atividades com carroça	22	57,9
Outras fontes de renda além da carroça	14	36,8
Não souberam responder	2	5,3
Iniciação profissional na carroça		
Infância (até os 12 anos de idade)	14	36,8
Adolescência (acima de 12 até 18 anos)	5	13,2
Adulto (acima de 18 anos até 60 anos)	18	47,2
Não soube informar	1	2,6
Jornada de trabalho semanal (dias)		
1-2	5	13,2
3-4	8	21,0
5-6	11	28,9
7	8	21,0
Inativos no período da entrevista	6	15,8
Tipos de carga transportada		
Diversas	25	65,8
Material reciclável e restos de obra	2	5,3
Material reciclável e podas de árvore	1	2,6
Somente material reciclável	3	7,9
Somente podas de árvore	1	2,6
Somente lenha	1	2,6
Somente peça de ferro velho	1	2,6
Inativos no período da entrevista	4	10,5

Verificou-se também que os condutores de carroça não possuíam instalações ideais para colocar os animais, que acabavam permanecendo em terrenos vagos ou nos pátios que raramente possuíam baias ou cocheiras. Segundo Oliveira et al. (2007), a manutenção dos animais em terrenos vagos, ou quintais das residências, aumenta a exposição à materiais que podem causar ferimentos e intoxicações. Outras situações indesejáveis como a ocupação irregular de terrenos, roubos, fugas e invasão de vias públicas foram relatadas.

O elevado percentual de cavalos que nunca receberam nenhum tipo de vacina contra doenças infecciosas e vermífugo demonstraram que o manejo sanitário dos cavalos também apresentou limitações. Possivelmente, as falhas de manejo encontradas sejam resultantes da restrição financeira, que impossibilita a aquisição dos insumos adequados para um bom manejo e assistência veterinária e da falta de informação. Conforme previamente constatado, em muitos casos os procedimentos usados no cuidado dos animais são baseados no conhecimento adquirido pela própria experiência, por colegas de profissão ou familiares (Oliveira et al., 2007).

No presente estudo, quase todos entrevistados declararam interesse em obter qualificação em assuntos como manejo alimentar, prevenção das principais doenças de cavalos, ferrageamento dos cascos e bem-estar. Também foi comentado que se tivessem mais conhecimento a respeito desses

assuntos poderiam melhorar a qualidade de vida dos cavalos carroceiros, mesmo com poucos recursos financeiros.

Tabela 3. Manejo alimentar de alojamento e sanitário dos cavalos

Variáveis	Número	%
Tipo de alimento		
Volumoso e concentrado	37	97,3
Somente volumoso	1	2,6
Frequência alimentar		
1 vezes/dia	3	7,9
2 vezes/ dia	13	34,2
3 vezes/ dia	9	23,7
4 vezes ou mais	13	34,2
Componentes do concentrado		
Milho	35	89,4
Ração comercial	12	31,6
Farelo de trigo, aveia ou cevada	15	39,5
Batata doce ou aipim	7	18,4
Frequência de administração do concentrado		
1 vezes/dia	5	13,5
2 vezes/ dia	16	43,2
3 vezes/ dia	11	29,7
4 vezes ou mais	5	13,5
Sal mineral		
Sim	2	5,3
Não	36	94,7
Local de alojamento do cavalo		
Pátio da residência	14	36,9
Terreno vago	15	39,5
Pátio e terreno vago	9	23,7
Uso de vacinas		
Sim	9	23,7
Não	29	76,3
Uso de vermífugo nos últimos 12 meses		
Sim	26	68,4
Não	12	31,6

Em conclusão, verificou-se que os condutores de carroça de Guaíba desempenham um papel importante na limpeza da cidade, tendo em vista que 76,3% deles trabalham com recolhimento de material de descarte produzidos pela população. Os condutores também contribuem para a minimização dos danos do descarte dos resíduos na natureza, por meio do transporte do material para pontos de descartes da Prefeitura e para postos de compra de material para reciclagem e reutilização. Embora prestem um serviço relevante para a sociedade, a situação socioeconômica dessa população é preocupante e pouco difere das encontradas em outros centros urbanos do Brasil. A informalidade e baixa remuneração são fatores determinantes para a baixa perspectiva de que esses indivíduos tenham algum tipo de ascensão econômica, cultural e social e de obter sustento em outras atividades, pois como observado, é um ciclo que se repete dentro das famílias. Nesse contexto, a proibição da atividade de carroça, conforme já proposto em projetos de lei em algumas regiões do país, aumentaria ainda mais a exclusão social e econômica dessa população, visto que muitos deles tem a atividade de carroceiro como única fonte de renda. Em vista disso, é muito importante que junto com a efetivação de leis que visem à proteção dos animais de tração, sejam também oferecidas alternativas de sustento dignas a esses trabalhadores.

Agradecimentos: Os autores agradecem ao CNPq, CAPES e FINEP pelo apoio.

Referências bibliográficas

- Alvim, B., Silva, E. F., & Vieira, A. M. D. P. (2020). Trabalho infantil: consequências para a saúde e a educação das crianças. *Revista Pedagógica*, 22, 1–16.
- Barbosa, S. N., Ribeiro, D. L. S., Lima, R. S., Costa, C. de J. P., & Tavares, T. L. (2020). Caracterização do manejo e condutor de equídeos de carroça na área urbana de São Luís, MA. *PUBVET*, 14, 1–6. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v14n7a615.1-6>.

- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, 2016.
- Brum, C. K. (2009). Tradicionalismo e educação no Rio Grande do Sul. *Cadernos de Pesquisa*, 39, 775–794. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742009000300005>.
- CEMPRE, Compromisso Empresarial para a Reciclagem. Consulta de Preços de Materiais Recicláveis na região sul do Brasil. Disponível em: <http://cempre.org.br/cempre-informa/id/100/preco-do-material-reciclavel>. Acesso em 27 de dezembro de 2018.
- Cintra, A. G. C. (2011). *O cavalo: características, manejo e alimentação*. Rocca.
- Custódio, A. V., & Veronese, J. R. P. (2009). *Crianças esquecidas: o trabalho infantil doméstico no Brasil*. Multidéia.
- Dias, H. L. T., Santos, W. R. R., Santos, C. V., Lima, P. D. L., Negrão, A. M. G., & Vasconcellos, S. A. (2015). Inquérito sorológico para leptospirose em condutores de carroças e equídeos de tração em Belém, Pará. *Revista de Ciências Agrárias Amazonian Journal of Agricultural and Environmental Sciences*, 58(4), 396–401. <https://doi.org/10.4322/rca.2013>.
- Escodro, P. B., Silva, T. J. F., Mariz, T. M. A., & Lima, E. S. (2012). Estudo da realidade e propostas de ações transdisciplinares para equídeos de tração carroceiros de Maceió-Alagoas. *Revista Brasileira de Direito Animal*, 7(11). <https://doi.org/10.9771/rbda.v7i11.8418>.
- Folha de São Paulo (2019). Bolsonaro eleva salário mínimo pra R\$ 998, primeiro aumento real em três anos. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/01/bolsonaro-vai-assinar-decreto-que-reajusta-salario-minimo-para-r-998.shtml>. Acesso em 06 de junho de 2019.
- Harris, P. A. (1999). Review of equine feeding and stable management practices in the UK concentrating on the last decade of the 20th century. *Equine Veterinary Journal*, 31(S28), 46–54. <https://doi.org/10.1111/j.2042-3306.1999.tb05156.x>.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Área territorial brasileira*. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em <https://www.cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 24 de agosto. 2019.
- Kadani, M. Y., Dória, R. G. S., & Gameiro, A. H. (2014). Perfil dos carroceiros, avaliação clínica e do bem-estar dos seus cavalos de tração da região de Pirassununga-SP. *Revista de Educação Continuada Em Medicina Veterinária e Zootecnia Do CRMV-SP*, 12(3), 6–11.
- Kassouf, A. L. (2015). Evolução do trabalho infantil no Brasil. *Sinais Sociais*, 9(27), 9–45.
- Koss, L. (2016). *Contribuições de imigrantes carroceiros para o desenvolvimento do comércio paranaense*.
- Oliveira, L. M., Marques, R. L., Nunes, C. H., & Cunha, A. M. O. (2007). Carroceiros e equídeos de tração: um problema sócio-ambiental. *Caminhos de Geografia*, 8(24), 204–216.
- PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento; Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada; Fundação João Pinheiro. Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil de 2020. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/consulta/planalha>. Acesso em 21 de junho de 2022.
- Schindwein, M. M., & Kassouf, A. L. (2006). Análise da influência de alguns fatores socioeconômicos e demográficos no consumo domiciliar de carnes no Brasil. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 44(3), 549–572.
- Segat, H. J., Braga, D. N., Samoel, G. V. A., Porto, I. P., Weiblen, C., Rodrigues, F. S., Vogel, F. S. F., Pereira, D. I. B., Sangioni, L. A., & Botton, S. A. (2016). Equino de tração de carroças: interação social e bem estar animal. *Investigação*, 15(4).
- Sousa Júnior, Santos, K. S. (2019). Avaliação do perfil socioeconômico dos carroceiros que utilizam animais de tração como fonte de sua subsistência no município de Parnaíba-Piauí. *Enclípédia Biosfera*, 16(29), 368–377.
- Souza, M. F. A. (2006). Implicações para o bem estar de equinos usados para tração de veículos. *Revista Brasileira de Direito Animal*, 1, 191–198.

Histórico do artigo:**Recebido:** 22 de junho de 2022.**Aprovado:** 15 de julho de 2022.**Disponível online:** 1 de agosto de 2022.**Licenciamento:** Este artigo é publicado na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4.0), a qual permite uso irrestrito, distribuição, reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam devidamente creditados.